

ROTEIRO DE ATIVIDADES DO 2º CICLO DO 4º BIMESTRE DO 9º ANO

EIXO BIMESTRAL: ROMANCE

PALAVRAS-CHAVE: romance; discurso direto e indireto; uso do dicionário; inferência.

TEXTO GERADOR 2: O NÃO, O SIM, A FELICIDADE

— Às dez horas em casa!

— Pai, tenho 18 anos!

Surpreso com o que podia ser interpretado como provável contestação, ele batia o martelo:

— Dez em ponto! Nem um minuto mais.

Chegar de volta às dez da noite, em ponto, era arriscado. O relógio do pai podia estar adiantado e o dele comandava a operação. Mesmo que o dele batesse com o da Matriz corria-se o risco da interpretação. “Essa igreja! Sempre atrasada”. Exatamente igual à bola de futebol. Na risca, ela está fora ou dentro? Depende da disposição do juiz. Ou seja, aos 18 anos, tínhamos de chegar em casa no máximo às dez para as dez da noite, se não quiséssemos encontrar a porta fechada. Não adiantava bater na janela do irmão, o pai ficava acordado por algum tempo, à espreita. Dormia-se na rua? Não, batia-se na porta, sabendo do caminhão que seria despejado em cima, das ameaças de cortar a mesada (no meu caso nem era mesada, ele me dava um dinheiro de vez em quando, para um refrigerante, um sanduíche. Não que fosse avarento, não tinha mesmo). Empregos? Numa cidade do interior, década de 50? Que emprego? Caixeiro do comércio? E o estudo? Não havia científico noturno ainda.

Claro que existiam permissões para se ficar até mais tarde. Raras. Em finais de semana, dias de baile. Chave de casa? Por que um jovem de 18 anos não tinha a chave de casa? Não era costume, não se dava, e pronto. Parece pré-história para o jovem de hoje e, no entanto, tais coisas aconteciam há 40 anos, o que é nada histórica e sociologicamente. As relações pais e filhos eram mistos de respeito e terror. Ninguém chamava o pai de você, a não ser um ou outro colega, invejado. De qualquer modo, soava estranho, era o mesmo que um deputado não se referir ao outro como vossa excelência, mesmo sendo inimigo mortal. Pai era senhor. Assim como se cumprimentava pedindo a bênção, beijando a mão. E palavrão? Coisa de rua, de gente desclassificada, de marginal, de filho de lavadeira. Filho de lavadeira? Havia preconceito, de todos os lados, havia intolerância, levava-se uma existência cinza. Quanto amigo meu levou tapa na boca, porque o pai, ao virar a esquina, deu com o filho, de 21 anos, fumando. Exageros? Totalitarismo? Em parte sim, em parte não.

Pode parecer ridículo, mas havia nisso um cerimonial de civilização. Ainda que existisse animosidade, cumpria-se um protocolo de educação, de reverência por alguém que nos colocou no mundo, deu educação, sustentou. No fundo, eles, os pais, continuavam com ritual de despotismo trazido pela tradição, transmitindo o que tinham aprendido. O mundo andava devagar, não havia por que romper com o estabelecido. As coisas funcionavam, e se funcionavam mal, não havia ainda suficiente clareza e lucidez para quebrar normas que começavam a ficar obsoletas. Enfim, não se colocava em questão. Era ruim para nós? Era. Uma camisa-de-força, um cerco apertado constituído por nós. Era bom? Era. Ali aprendemos que a vida era assim, uma camisa-de-força, composta por um conjunto de nós. Tínhamos de conhecê-los, aprender a driblá-los pela vida afora, despistá-los, superá-los com capacidade, inteligência, esforço. Evidente que o não favorecia a mentira, a hipocrisia.

Atualmente, sorrimos, quando filhas de 13 anos nos comunicam:

— Hoje vou dar uma festinha à noite!

— Saiu um livro de educação sexual. Quem pode comprar para mim?

— P...q...p, pô...*** grtfhun #\$\$% trá-lá-lá!

— Podem me buscar na festa à uma hora!

Este uma é da madrugada, é claro. E quando se vai apanhá-las, vê-se que existem meninas que ainda vão ficar até mais tarde, porque há filhas sempre reclamando:

— Sou a primeira a deixar as festas!

Quando chegam em casa, abrem a porta, porque têm chave. Todas as meninas de sua idade têm chaves de casa, mesadas semanais, ficam lendo à noite até a hora que querem, contestam os pais, marcam festas em casa, ligam o som no máximo do volume. Sabem tudo sobre sexo, perguntam para os pais e professores coisas que fariam um jovem — não de 13, mas de 18 — ser expulso de casa no nosso tempo (ao menos, espera-se que não cometam erros infantis). Namoram, telefonam sem parar, pedem aos pais um cigarro para experimentar (e o pai, dentro da escola moderna do consentimento para não traumatizar, não reprimir, dá).

Nossas angústias eram simples, menos existenciais. E bem definidas. Concretas. Doíam do mesmo modo. Havia aquela intolerância, contra a qual brigávamos. Mas nosso problema maior era o futuro, o que seremos, o que queremos. Vão dar certo nossos sonhos? Era a grande pergunta, porque havia sonhos. Na permissividade atual, neste final de século do sim, estas angústias se complicaram extremamente para os adolescentes e jovens. São abstratas, metafísicas, sem soluções, porque indefinidas, tênues. Nossos filhos, vivendo em meio a violência e caos, são superprotegidos, defendidos, confundiu-se liberdade com permissividade, romperam-se os limites e eles desconhecem os não que poderiam torná-los mais lutadores, preparados, até mesmo raivosos. Nem existem sonhos ou utopias, o que se quer é ter dinheiro, status, vida confortável. O não levou minha geração a uma reação de raiva e ao mesmo tempo perigosa. O não que nos traumatizou, nos conduziu a dizer um sim complexo para nossos filhos. Quem sabe eles não se sintam perdidos, sem condução, soltos no mundo, circulando sem que alguém dê um toque no cordão que nos liga, ajudando a dizer: cuidado, aí tem areia movediça?

Nós não acreditávamos que nossos pais sabiam. Nossos filhos acreditam que não nos incomodamos com eles, que os abandonamos no mundo. Uma geração teve o não. A outra teve o sim. Somos felizes? Nossos filhos serão?

(Ignácio de Loyola Brandão. *Pais & Teens*, ano 1, nº 2.)

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 4:

Ao ler um texto, às vezes nos deparamos com palavras desconhecidas. Quando isso acontece, muitas vezes recorremos ao dicionário. Pensando nesta situação, observe a palavra assinalada no quadro e, em seguida, o seu verbete correspondente.

PASSAGEM:

Não adiantava bater na janela do irmão, o pai ficava acordado por algum tempo, à espreita. Dormia-se na rua? Não, batia-se na porta, sabendo do caminhão que seria despejado em cima, das ameaças de cortar a mesada (no meu caso nem era mesada, ele me dava um dinheiro de vez em quando, para um refrigerante, um sanduíche. Não que fosse avarento, não tinha mesmo). Empregos? Numa cidade do interior, década de 50? Que emprego? Caixeiro do comércio? E o estudo? Não havia científico noturno ainda.

VERBETE:

a•va•ren•to

(*avaro* + *-ento*) *adjetivo e substantivo masculino*

Que ou o que tem avareza. = VARO, SOMÍTICO, SOVINA

a•va•re•za |ê|

substantivo feminino

1. Apego sórdido ao dinheiro para o acumular. 2. Mesquinha.

“avarento” ; “avareza”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/avareza> [consultado em 16-11-2013].

Responda às questões:

- a) A palavra “avarento” utilizada no texto pelo narrador pertence a que classe gramatical?
- b) Essa palavra não é muito utilizada nos dias atuais. Que palavra ou expressão a substitui na língua corrente?

Habilidade trabalhada:

Usar adequadamente o dicionário.

Resposta Comentada:

Esta questão tem o objetivo de levar o aluno a utilizar adequadamente o dicionário, observando todas as informações que podem ser obtidas em um verbete.

Assim, a palavra avarento foi utilizada no texto com valor adjetivo, pois indica uma possível característica do pai do narrador. Essa expressão é substituída na língua corrente pelas expressões “pão duro”, “mão-de-vaca”, etc.

QUESTÃO 5:

Segundo o narrador, no passado o relacionamento entre pais e filhos era difícil e autoritário, e o jovem tinha pouca liberdade. Apesar disso, o narrador, hoje, não vê apenas o lado negativo daquele tipo de relacionamento. Releia estes trechos:

- “Totalitarismo? Em parte sim, em parte não.” (6º parágrafo)
- “Era ruim para nós? Era. Uma camisa-de-força, um cerco apertado constituído por nós. Era bom? Era.” (7º parágrafo)

De acordo com as idéias gerais do texto, explique:

- a) Por que era ruim aquele tipo de educação familiar?
- b) E por que era bom?

Habilidade trabalhada:

Utilizar pistas do texto para fazer antecipações e inferências de conteúdo.

Resposta Comentada:

A última questão de leitura tem por finalidade fazer o aluno refletir sobre as mudanças ocorridas nos últimos anos e abordadas pelo narrador no texto. Sem querer impor uma opinião e nem valorizar mais uma época que a outra, mas apenas levar ao aluno a pensar nos prós e contras de cada época, tentando tirar proveito do que nos antecedeu e melhorarmos o que ainda está de errado. Essa questão servirá ao aluno ainda como base para a construção do seu texto mais longo. A partir desta discussão o aluno deve chegar à conclusão que o narrador achava a educação do passado ruim porque era muito repressiva e distanciava pais e filhos (resposta letra a); mas, essa educação tinha pontos positivos porque a situação obrigava os jovens a lutar, a driblar as dificuldades, e isso os fazia mais esforçados, capazes e inteligentes (resposta letra b).

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 6

Externar a voz de um personagem em uma narrativa, presentificando sua fala, é recurso denominado discurso direto ou reportado. O texto gerador 2 é rico em tal recurso, já que apresenta diálogo entre duas personagens. Considerando-se essas observações, além do que você já conhece sobre o assunto, pode-se dizer que esse tipo de discurso não se caracteriza pelo uso de:

- A) Aspas para a marcação das falas.
- B) Um verbo do tipo dicendi na introdução das falas.
- C) Um verbo dicendi ao fim das falas.
- D) Travessões no início de cada fala, exclusivamente.

Habilidade trabalhada

Identificar e diferenciar os discursos direto, indireto e indireto livre.

Resposta Comentada:

Essa questão foi criada apenas para ratificar o que o aluno aprendeu anteriormente. Assim, espera-se que o aluno facilmente perceba que o uso dos travessões e das aspas é utilizado na introdução das falas, além dos verbos dicendi no início das mesmas. A opção incorreta então é a letra C. Se o professor quiser e houver tempo para tal, pode-se fazer uma breve explanação sobre o uso dos travessões e das aspas, sinais muito importantes para a construção de textos em geral.

TRECHO REMOVIDO